



ERZBISTUM
HAMBURG

Carta pastoral do Arcebispo Dr. Stefan Heße

na solenidade
de Santo Anscário (Óscar)
a 3 de fevereiro de 2020



Carta pastoral do Arcebispo Dr. Stefan Heße

na solenidade de Santo Anscário (Óscar)
a 3 de fevereiro de 2020

Queridas irmãs e queridos irmãos!

„Não vos esqueçais da hospitalidade, pois, graças a ela, alguns, sem o saberem, hospedaram anjos.” (HEB 13,2) O que soa como um ditado de uma página de calendário é uma das virtudes mais importantes na Sagrada Escritura: a **hospitalidade**.

No Antigo Testamento, o encontro entre Abraão e sua mulher Sara com três estranhos é o exemplo perfeito, de hospitalidade. Três estranhos vêm ter com eles. Abraão saúda-os e acolhe-os com abertura e generosidade, sem saber quem tem à sua frente. Ele oferece água aos homens, manda cozer pão fresco e até prepara um vitelo. A sua hospitalidade não tem interesse, é até bastante efusiva. E no final, os hóspedes deixam-lhe ainda mais do que ele lhes poderia dar. Inesperadamente os papéis invertem-se: os hóspedes tornam-se anfitriões. Dão a Abraão e a Sara uma perspectiva para o futuro. Eles anunciam ao casal, sem filhos, a boa notícia de que Sara terá um filho no ano seguinte. Assim, o encontro deles com os estranhos transforma-se num inesperado e grande enriquecimento da própria vida.

A propósito, em latim, só há uma palavra para hóspede e anfitrião: hospes. É um sinal de que tanto o anfitrião como o hóspede se enriquecem e se dão mutuamente. Todos beneficiam da hospitalidade.

Caros cristãos!

A cena do banquete em casa de Abraão pode ser vista no retábulo da nossa igreja católica de São Miguel em Helgoland. Fica muito bem no lugar, onde dia a dia, muitas pessoas são hóspedes. Os habitantes da ilha são os seus anfitriões. Fica igualmente bem na nossa Igreja: aqui somos todos hóspedes de Jesus Cristo e como Igreja, podemos dar provas da nossa hospitalidade aos muitos visitantes. Aqui, não me refiro só à igreja de Helgoland,



mas a toda a nossa Arquidiocese. A hospitalidade faz parte do bom estilo da nossa Igreja a todos os níveis e em todos os lugares. Ela deveria ser natural, não só numa estância de férias mas, em toda a parte e para todos. A hospitalidade molda o nosso estilo de vida como cristãos do princípio ao fim.

Quando se ouve a palavra hóspede, um pensa num hóspede de um hotel e o outro pensa numa agradável visita à noite. A hospitalidade é mais profunda: a palavra grega para hospitalidade é *flo Xenia*. Deriva de *phileo* (ser um amigo) e *xenos* (o estrangeiro); hospitalidade significa o amor ao estranho, é uma amizade para com estranhos. Por outras palavras, hospitalidade significa ir, com gentileza e amor, ao encontro do estranho, do novo, do outro e o acolher calorosamente e lhe dar as boas vindas.

Nos tempos em que não havia um sistema hoteleiro desenvolvido, por exemplo no tempo bíblico de Abraão, a hospitalidade era importante para a sobrevivência. Os hospícios eram locais de segurança. Durante séculos, os mosteiros foram lugares de hospitalidade. Nos últimos anos, essa importância vital de hospitalidade, ganhou uma nova relevância, com o acolhimento de muitos refugiados no nosso país. Agradeço expressamente a todos aqueles que os apoiam nas nossas paróquias, e nas nossas comunidades, e que são bons anfitriões no sentido mais profundo da palavra. Gostaria de não ter de mencionar a xenofobia que infelizmente existe.

A hospitalidade é a atitude interior da nossa Igreja, não um fenómeno marginal. A revelação de Deus em Jesus Cristo não é apenas uma mensagem, mas muito mais um encontro pessoal. Por isso, o conteúdo da nossa fé cristã nunca pode ser separado da sua essência. Assim, pode e deve a vivência da nossa hospitalidade espelhar-se na nossa Fé.

Não é por acaso que Jesus foi um hóspede constante dos Homens, o seu primeiro sinal como convidado foi nas bodas de Caná. Ele sempre convida as pessoas até si, a participar na sua vida: „*Vinde e vede!*“

Para mim, há alguns pontos, muito concretos, sobre como nós podemos pensar e viver hospitalidade:

1. Somos todos hóspedes nesta terra. Uma das nossas canções fúnebres mais famosas começa assim: „*Somos apenas hóspedes na Terra*“. Remonta a um dos momentos mais sombrios da nossa história alemã. No tempo do Nacional-Socialismo, o autor queria referir-se à nossa definitiva pátria em Deus. Vamos ao encontro do banquete celestial com Deus e os nossos entes queridos. Com isto, tudo é relativo mas de modo algum insignificante. Isto tem consequências para o nosso aqui e agora, para as nossas relações com este mundo, para as coisas e para toda a nossa vida. Faz-nos leves e soltos, sim, até liberta. Tem também um impacto nas nossas relações com a criação, que somente nos foi confiada e que é suposto transmiti-la aos nossos descendentes. Todos temos um estatuto de hóspede nesta terra. Por favor, comportemo-nos como bons hóspedes.
2. Cristo está sempre a convidar-nos. Podemos ser **seus** hóspedes. Aceitemos este convite divino sempre de coração aberto. Ele quer-nos sempre a seu lado, podemos ouvi-lo e ceiar com ele na missa. Podemos simplesmente ficar com ele em silêncio.

O contrário também vale: o Senhor quer ser convidado na nossa vida. Por exemplo, ele convida-se para a vida do publicano Zaqueu ou com Marta de Betânia: „*Hoje tenho de estar contigo em tua casa!*“ Neste sentido, diz-se numa conhecida oração à refeição: „*Vem Senhor Jesus, sê nosso hóspede!*“

3. As nossas paróquias recebem muitos convites. Podem participar em muitos eventos, projetos e ações nas nossas cidades e municípios. Muitos regozijam-se quando somos seus convidados. Eles esperam-nos, e esperam algo de nós. Alegremo-nos por ser chamados. Isto não é de forma alguma um assunto trivial. Seria bom que as nossas comunidades respondessem a estes apelos com aceitação e compromisso.

4. Sejamos por fim, bons anfitriões nas nossas paróquias e em todos os lugares da vida de Igreja. Vamos ao encontro dos nossos convidados, visitantes, desconhecidos e estranhos. Sejamos convidativos com todo o nosso ser! Cumprimentemo-los calorosamente e sejamos nós próprios acessíveis (cf. Orientação Pastoral II, 5). Deve sempre dar-nos que pensar quando vemos poucos ou nenhum hóspede nas nossas comunidades, se eles não se sentirem bem-vindos. Mudar isto, é acima de tudo, uma questão de atitude e de coração, que é a nossa atitude. Muitas vezes somos largamente presenteados pelos nossos convidados. Nós não somos apenas os anfitriões deles, mas podemos participar nas suas vidas.

Queridas irmãs e queridos irmãos, a hospitalidade é sempre sem intenção. Ela quer oferecer ao outro um espaço no qual ele possa entrar e tornar-se um amigo. É o que diz o recém-falecido teólogo de Münster, Johann Baptist Metz: *„Temos de ser capazes de nos esquecer, ficar em segundo plano, para que o outro na sua individualidade chegue realmente até nós. Temos de o poder deixar entrar, dar-lhe liberdade na sua particularidade, que muitas vezes nos assusta e nos chama a uma transformação dolorosa. Porque o mistério da vida não se desenvolve na arrogância, mas na reciprocidade criativa.“* Como Igreja na Arquidiocese de Hamburgo, sejamos realmente uma Igreja em relacionamento com Deus e com os homens. Vivamos no concreto e no quotidiano o convite da Epístola aos hebreus: *„Não vos esqueçais da hospitalidade, pois, graças a ela, alguns, sem o saberem, hospedaram anjos.“*

Deus vos abençoe e a todos os que conosco convivem.

Vosso Arcebispo



Dr. Stefan Heße



ERZBISTUM
HAMBURG

Erzbistum Hamburg
Am Mariendom 4
20099 Hamburg
www.erzbistum-hamburg.de